SAUDADE

GILKA MACHADO

De quem é esta saudade
que meus silêncios invade,
que de tão longe me vem?

De quem é esta saudade,
de quem?

Aquelas mãos só carícias,
Aqueles olhos de apelo,
aqueles lábios-desejo...

E estes dedos engelhados,
e este olhar de vã procura,
e esta boca sem um beijo...

De quem é esta saudade
que sinto quando me vejo?

(in Velha poesia, 1965)

Resposta à Maria A. Soares

Andrea Mendes. Campinas, janeiro de 2018

Despertar o **feminismo** foi só após passar a juventude vivendo todo tipo de violência. Mas despertei com toda a força, **hoje mulher preta, divorciada, mãe, retirante nordestina, professora, curadora, artista visual e militante do feminismo negro**.

Quando despertei, entendi que meu caminho precisava ser alterado, saí do comodismo e segui para a luta. Levantei graças à **arte**, aos **vários coletivos negros**, **feministas** e às incríveis companheiras que vieram antes, como bem coloca Maria A. Soares: "**unidas nos lancemos na luta**, procurando eliminar tudo quanto obstrua o caminho que há de conduzir-nos ao futuro ditoso, que tem sido o sonho mais doce da nossa vida".

Assim fortalecida, surgi como uma nova mulher, aquela que coloca seu corpo e seu trabalho como arma nas lutas contra todo tipo de aprisionamento e violações de direitos.

A arte foi a ferramenta escolhida, por ser sensível e política, por comunicar sem palavras, por possibilitar a crítica, a contestação de todas e todos, seja de seres oprimidos de uma sociedade, seja do povo contra arbitrariedades do Estado que o governa.

ARTIVISMO é o **meu trabalho vivo** para elevar a arte, em especial a arte feminista, negra e periférica.

Fazer **curadoria de exposições coletivas de artistas negras e negros**, e **performances** sobre **questões de raça**, **classe e gênero** são os principais trabalhos que tenho proposto. Seguramente me defino como uma **mulher transgressora** em busca de **uma real libertação da mulher** e de todas e todos que são oprimidos.

Há quatro anos venho me dedicando a ações performáticas sobre **feminicídio**, uma pesquisa dolorosa que se desdobrou na **performance** ***Cemitério de Mulheres***. O objetivo é chamar a atenção da sociedade para esse ato cruel, já que **aqui a violência e o abuso contra a mulher seguem naturalizados e colocam o Brasil no 5º lugar dos que mais matam mulheres.**

Resposta à Maria A. Soares

Camila Valones, entre Recife e São Paulo, janeiro de 2018

MARIA, passaram-se mais de cem anos, e a maioria de nós segue acreditando que pela força do voto conquistaremos algo de nossa emancipação. Paira grande dificuldade em reconhecer que, enquanto depender das forças governamentais estruturantes, a ausência da influência dessas sobre as definições que queremos para nossas vidas, não alcançaremos qualquer autonomia, e seguiremos atendendo a revisão oportuna do patriarcado que nos dá passagem – reflexo e conquista da luta construída e inscrita no tempo por nós –, levando-nos a assumir lugares de poder antes exclusivamente destinados aos homens, mas que, efetivamente, não rompem com a lógica colonial e patriarcal estabelecida.

Não criando assim alternativa real para nossa comunicação.

O que me leva a perguntar:

Por que ainda estamos buscando a legitimação daquilo que questionamos?

É necessário, urgentemente, reconhecer a força definitiva que representa sermos mais da metade da população, e de sermos, ainda, as que cuidamos da outra metade que não somos nós.

Teu presságio se confirma, e neste ponto estamos: as táticas cínicas intensificaram-se, e temos muito mais por propositivamente denunciar, exigir e promover.

Devemos nos posicionar em desobediência e informar e formar novos costumes diante dos costumes que desbotam o sumo da diversidade que somos.

Não há revolução sem incômodo. E é natural, social, a falta de recurso dos estruturalmente autorizados a falar que, diante de qualquer questionamento, assumem posição defensiva, incapaz da escuta, a qual nunca até o presente momento histórico, nessa medida que exigimos, precisaram praticar. **Não seremos tratadas como violentas aquelas que estão propondo rachaduras efetivas ao projeto colonial e patriarcal.**

Estivemos impostas ao silêncio; aproveitemos o momento de encontro para debater as experiências que compartilhamos enquanto grupo social e, assim, construir estratégias para romper com ele.

Nomeemos as realidades e rompamos com a ficção democrática que há em negar as hierarquias instituídas.

Localizemo-nos como indivíduos além da noção do homem branco como ser universal em detrimento dos outros grupos como seres específicos.

É notável que muitas ainda se orientem nas bases eurocêntricas que querem determinar nossa existência política, econômica e social, que escraviza nosso trabalho emocional e nos usurpa nossa produção intelectual. Destituir tal compreensão é nossa tarefa então!

Que nossa proposta seja de rompimento com a voz única e de convivência entre vozes e saberes.

A revolução é doméstica, e agora.

*Se me ocurrió publicar un periódico del mismo modo que se me hubiera ocurrido hacer cualquier otra cosa. Los periódicos se llaman de algún modo; el mío se llamaría VESPER. ¡Vésper! la estrella de mis recuerdos ... Y tendría un lema; esto era ya más serio, el lema debía decirlo todo. Pensé mucho para reducir a dos palabras aquel mundo de cosas que yo quería; la reducción estuvo hecha en quince días, y Las enormidades de mis pensamientos juntas, apretadas en el tormento de la condensación, se redujeron a estas mínimas proporciones: ¡JUSTICIA Y LIBERTAD! así, con admiración y todo. Esa bellísima quimera fue el lema de Vésper ... Y el periódico se publicó con gran regocijo del impresor que en muy poco tiempo se había Llevado todos mis ahorros... — **Juana Belén, 1901***

Resposta à Maria A. Soares

Jully Vasconcelos, Guarujá, janeiro de 2018

Nós nos encontramos num processo de lutas nesse **despertar feminino** e, ainda, distantes de **alcançar uma sociedade realmente igualitária.**
As lutas de classes, de gênero, de raça, contra a exploração humana e animal, têm sido **fundamentais nessa construção**, **não sendo indissociáveis** umas das outras, pois, no meu entendimento, elas se complementam.

As mulheres são desde sempre **culpabilizadas socialmente quando se trata de agressões e/ou abusos**. Entretanto, a **sociedade que condena** estas mulheres é a mesma que julga e frequenta os prostíbulos, que **hipersexualiza crianças e adolescentes através da mídia**, que coloca mulheres negras nuas como atrativo nos carnavais, estimulando o turismo sexual, é a mesma que apoia a maioridade penal e vibra ao ouvir falar em pena de morte.

As religiões têm seu quinhão nessa socialização, são **pérfidas** para com as pessoas, buscando seres obedientes que sigam combatendo à ferro e fogo tudo o que eles consideram sujo, pecaminoso e **contra sua moral religiosa**. E, de acordo com essa moral, este é o papel da mulher: o da servidão eterna a um deus, à igreja e ao marido.

Felizmente, o FEMINISMO tem ganhado espaço na mídia e muito se ouve falar em **empoderamento feminino**, **libertação sexual** etc.

Mas, infelizmente, esse feminismo midiático, de internet, de maior aceitação social, não tem uma postura crítica em **relação ao poder: não quer destruí-lo** ou descentralizá-lo, quer tomá-lo para si. Não deseja abolir o patronato, quer comandar, inserindo mulheres em partidos políticos, em multinacionais e **torná-las chefes capitalistas. Não pratica horizontalidade,** almeja a superioridade; nada mais obediente e subserviente ao sistema!

Atuo no **Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri – Nelca (Guarujá/SP)**, onde, junto com outras companheiras, realizamos, entre várias atividades, o **Grupo de Estudos Periódicos Anarcofeminista**, que é permanente e exclusivo para **MULHERES (cis e trans).**

Entendemos **a necessidade da educação e do fortalecimento individual e coletivo como chave para a libertação feminina**.

EMANCIPAÇÃO essa que será conquistada por nós mesmas através da nossa luta.
Sem exclusão, sem favoritismo. Por isso **precisamos nós unir por uma sociedade de fato igualitária, justa,** onde não haja exploradores, nem explorados.
Por uma resistência anarcofeminista!!!

Resposta à Maria A. Soares

Anelise Csapo, São Paulo, janeiro de 2018

Sem jamais pensar no trabalho intelectual como de algum modo divorciado da política do cotidiano optei conscientemente por tornar-me uma intelectual pois era esse trabalho que me permitia entender minha realidade e o mundo em volta, encarar e compreender o concreto. Essa experiência forneceu a base de minha compreensão de que a vida intelectual não precisa levar-nos a separar-nos da comunidade mas antes pode capacitar-nos a participar mais plenamente da vida da família e da comunidade. Confirmou desde o início o que líderes negros do século XIX bem sabiam — o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes. — ***bell hooks, 1995***

COMPA, nesse rápido exercício que transpassa as barreiras do espaço e do tempo, trago minha reflexão para dialogar com suas posições então publicadas. Quero deixar clara a minha crença na construção de uma nova sociedade, mas essa só será possível a partir de um processo revolucionário, com o nada simples detalhe de que o mesmo deve ser levado a cabo com o ponto primordial da emancipação feminina. Para que nosso sonho coletivo se concretize, precisamos respirár a resistência.

Devemos assumir que estamos no meio de uma guerra (quase) disfarçada que tem colocado opressores contra oprimidos há tanto tempo...

Então, hoje presenciamos a retirada de direitos trabalhistas, o sucateamento da saúde e da educação e a legislação sobre o corpo das mulheres. A força coercitiva do estado dá as caras diariamente, com o monopólio da violência debaixo dos braços, enquanto diz proteger a tudo e a todos. Sabemos que um conluio muito maior é o denominador comum entre o estado e a mídia corporativa que criminaliza e difama o anarquismo por nossa combatividade via lutas sociais. Ninguém sai ileso dessa: nesse jogo de forças, as mulheres ficam do lado da corda que arrebenta, pra darmos de cara com o chão, isso quando não passamos dali para o derradeiro fim. Como foi com muitas de nós que já se foram, infelizmente. Tenho participado da militância no anarquismo organizado e na solidariedade internacionalista com a resistência popular curda, por acreditar no fortalecimento desse poder a fim de seguirmos **ombro a ombro contra a EXPLORAÇÃO gerada** pelo capitalismo, pelo estado e, principalmente, pelo pião que move todas as outras peças: a opressão de gênero patriarcal.

Eu me despeço com um lema curdo que nos remete à **essência da luta**: **A RESISTÊNCIA É VIDA!** E assim seguimos...

Despertar feminino

Maria A. Soares. *A Lanterna*, 08 de outubro de 1914

É com grande satisfação que vejo, por meio da imprensa, o grande voo que vai tomando o feminismo.
É verdade que a maioria das feministas de hoje visam quase essencialmente à conquista do voto – e eu sou contrária ao voto por ser uma coisa inútil e até um obstáculo para a marcha do progresso. Mas o que mais admiro e aprecio nessa luta empreendida pelas sufragistas é a sua perseverante energia, que faz com que não se detenham ante nenhum obstáculo para conseguir o que desejam.
Bem sabem elas que pacificamente nada conseguirão, e, muito acertadamente, empregam a ação direta.
Manifestam-se também com vigor, nestes tempos, outras tendências de feminismo além das sufragistas, que certamente virão a despertar no meio feminino um certo grau de atividade e que reverterá em favor da sua completa emancipação.
Como já disse anteriormente, senti imenso prazer ao ver esse despertar tão almejado, mas não sei a que atribuir a indiferença que reina entre as companheiras, tanto do Brasil como do estrangeiro, neste momento propício para a propagação das nossas ideias.

O elemento feminino, cansado de viver escravizado, compreendeu que já é hora de conquistar seus direitos usurpados pelo ridículo orgulho masculino, e como em sua obscura existência não pode reflexionar e portanto compreender onde está a verdadeira emancipação, na sua ânsia louca de liberdade seguirá o caminho que primeiro lhe indicarem, julgando ter feito muito bem.
Vemos que se acham na brecha agora as sufragistas.
Pois bem, como não veem outro caminho trilhado, seguirão forçosamente esse.
Acontecerá da mesma forma que com os socialistas parlamentaristas no meio operário.
Intrometeram-se tanto, conseguiram fazer acreditar nas suas promessas vãs, e temos os resultados funestos, vendo-se hoje muitos trabalhadores que ainda creem que a sua felicidade será completa quando forem governados por socialistas.
Se deixarmos que a política absorva todas as energias da mulher, mais elementos teremos de combater, e portanto mais encarniçada e difícil será a luta para conseguir a emancipação que procuramos.
Portanto, companheiras, apelo para vós, em nome do futuro da Humanidade, para que unidas nos lancemos na luta, procurando eliminar tudo quanto obstrua o caminho que há de conduzir-nos ao futuro ditoso, que tem sido o sonho mais doce da nossa vida.

Sim, unamo-nos e não deixemos que progrida esse novo *morbus* que se introduziu entre nós e teremos assim evitado que amanhã sejam nossas inimigas as que hoje são nossas irmãs.